

PREFÁCIO

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA EXPANDE-NOS¹

A leitura do mundo precede a leitura da palavra [...].
(Freire, 1989, p. 9)

A frase de Paulo Freire que tomámos para prelúdio, recorda-nos de que a experiência do mundo é ampla e antecede a sua conceptualização. Assim também, antes de ser conceito, a educação estética é experiência vivida, individual e coletivamente, ela é encontro, caminhada, escuta, imaginação e presença. É uma forma de ler o mundo por meio da sensibilidade e deste modo uma via aberta à percepção de sentidos poéticos, metafóricos, simbólicos, acrescentando mundo, ampliando a capacidade de compreendê-lo ou interpretá-lo para além do sentido da literalidade, considerando a profundidade cultural e histórica dos dados e dos acontecimentos.

Adentremos, pois, o campo de experiências que o revisitar dos dias do II Seminário Internacional de Educação Estética na Formação de Professores, vivido em Itajaí, SC, no Brasil, nos oferece. Caminhemos, percorramos o conjunto de relatos que aqui nos são trazidos e permitamo-nos habitá-los como experiência estética. Pela condição estética de sentir e perceber, pela estesia, toquemos e deixemo-nos tocar, mais que como quem recolhe informações, como quem se dispõe ao encontro, à interpelação e à reflexão sobre as afetações, as marcas, ressonâncias ou transformações lavradas em nós pelo encontro, os lugares, os acontecimentos, as obras, as ações artísticas ou as situações fruídas.

Refletindo acerca da amplitude e do potencial transformador do conhecimento reunido por ação da “experiência vivida”, Walter Benjamin ([1937] 2006) observa no contador de histórias alguém cuja ação tem por faculdade ampliar a experiência de seu interlocutor. Construída, como é, a partir de dados da experiência, oferecendo ao leitor a possibilidade da interpretação, a história potência a ampliação do entendimento, facultando o fecundo espaço sensível que falta à forma narrativa informativa e literal.

Carente de experiência vivida, determinada, como é, pelo sentido explicativo que a impõe, a forma narrativa informativa esgota-se no momento do seu consumo.

Por ação artística, poética, metafórica, com a maior justeza, as mais extraordinárias dimensões da existência são interpeladas, pensadas e tornadas objeto de problematização e investigação. Preservando dos fenómenos a complexidade que os caracteriza e não impondo ao leitor correlações interpretativas, a história, como a ação artística, não se esgota como um objeto de consumo, renovando ao longo do tempo a capacidade de suscitar espanto, envolvimento e vívida reflexão.

A experiência estética expande-nos.

Da reconciliação entre as dimensões racional e sensível da existência, operada através da experiência estética, Shiller ([1795]1994) faz derivar a ideia de alarga-

¹

Este texto segue as normas ortográficas vigentes em Portugal.

mento como expansão da humanidade do sujeito, da consciência, da sensibilidade e da capacidade de interpretar e compreender o mundo e os outros. Para Shiller a educação estética não acrescenta simplesmente conhecimentos ao indivíduo, ela alarga o horizonte da sua humanidade, auxiliando na superação de dicotomias que empobrecem a compreensão de si, dos outros e do mundo. A educação estética constitui, por isso, uma pedagogia do alargamento: alargamento da percepção, interpretação e produção de sentidos; da imaginação; da compreensão do outro; da liberdade e da possibilidade de atribuir significados à experiência, por nos libertar do sentido linear e estreito da literalidade. Potenciada pelo livre jogo da sensibilidade e da razão, desenvolve-se a disposição estética, que Shiller concebe como um ideal onde a liberdade, a beleza e a humanidade se encontram, formando uma plenitude na qual reside a possibilidade de educar para a liberdade.

Que a leitura destas páginas não se reduza à observação, ao levantamento de resultados, à catalogação de metodologias ou à enumeração de conceitos, permitamo-nos habitá-las como experiência estética. Permitamo-nos ser conduzidos a um estado estético (*ästhetischer Zustand*), no qual sensibilidade e razão atuam em simultâneo, uma disposição livre, que enquanto agentes educativos, agindo em contextos formais e não formais, podemos assumir na construção de pedagogias e consequentemente de uma escola como espaço de formação integral e co-construção de comunidades mais democráticas, sensíveis e criativas, capacitadas para a liberdade de pensamento.

A educação estética na escola e na formação docente expande-nos

Usando de disposição estética, o educador não apenas transmite conteúdos, ele concebe e fomenta junto de seus estudantes situações capazes de ampliar seus modos de sentir, pensar e interpretar a realidade. A sua ação pedagógica torna-se, nesse sentido, uma prática de abertura de mundos.

Dimensão de relevo na educação estética do educador, é a da arte. Neste ponto aludimos, para além da fruição da ação de objetos e dispositivos artísticos, ao relevo da experimentação e real vivência de processos de problematização desenvolvidos por ação inerentemente artística.

Dissertando acerca das formas de pensar que as artes evocam e da sua relevância pedagógica (Eisner, 2008 e 2002) sublinha, entre outros, a compreensão de que os limites do nosso conhecimento não são definidos pelos limites da nossa linguagem. Segundo Eisner (2002), para além da consciencialização de aspetos do mundo de outro modo irrelevantes, as artes e os seus processos libertam-nos da literalidade, autorizam o envolvimento da faculdade da imaginação e consentem o contributo de dimensões subjetivas da percepção sensível e cultural na exploração de possibilidades outras. Lidando com a complexidade dos fenómenos, os processos artísticos convidam ao desenvolvimento de tolerância à ambiguidade, capacidade para explorar o que é incerto, exercitar julgamentos livres de regras e procedimentos prescritivos. Dimensões da consciência que alicerçam o desenvolvimento da autonomia individual.

Se a racionalidade instrumental inquirir na linearidade do sentido útil, a educação estética amplia a percepção inicial, estabelecendo constelações de significados

complementares. É neste deslocamento que observamos um dos mais importantes contributos das artes para a formação humana.

O Seminário Internacional de Educação Estética expande-nos

Que a experiência proporcionada pela leitura desta publicação possa enfim torna-se uma experiência estética.

Que a leitura destas páginas nos convoque para o encontro, para o espanto, para a interrogação e a criação de sentidos. Cada texto aqui reunido testemunha e abre portas a um modo amplo de tecer relações, produzir encontros, construir sentidos partilhados, pensando e interrogando as possibilidades da educação estética.

Entre geografias, culturas, linguagens e percursos diversos, emerge uma constelação de vozes que nos recorda que educar esteticamente não consiste apenas em ensinar sobre arte, beleza ou sensibilidade. Consiste, sobretudo, em cultivar modos de atenção, de presença e de relação; em aprender a ver, a escutar e a sentir aquilo que, tantas vezes, permanece irrelevado na pressa dos nossos dias.

À guisa das práticas de deriva estética mobilizadas por vanguardas artísticas do século XX e na esteira de Careri ([2002] 2013), convocando a ideia de uma viagem-vivência estética transformadora, oferecemos-vos, como um pórtico, um dispositivo ativador da disposição lúdica, tecido a partir de algumas das ações e dos lugares estéticos que emergem destas páginas. Livremente, convidamos-vos a percorrê-los, enlaçá-los e fruí-los, numa primeira aproximação vivida à educação estética como experiência de resistência, de transformação e alargamento.

Profa. Dra. Sandra Pereira Antunes
Universidade Politécnica de Lisboa/Portugal

Referências

BENJAMIN, Walter. The Storyteller: Reflections on the Works of Nikolai Leskov. In: HALE, Dorothy. J. (ed.). **The Novel: an anthology of criticism and theory 1900–2000**. Oxford: Blackwell, [1937] 2006. p. 361–378. Disponível em: <https://numerocinqmagazine.com/wp-content/uploads/2014/11/The-Storyteller-Walter-Benjamin.pdf>

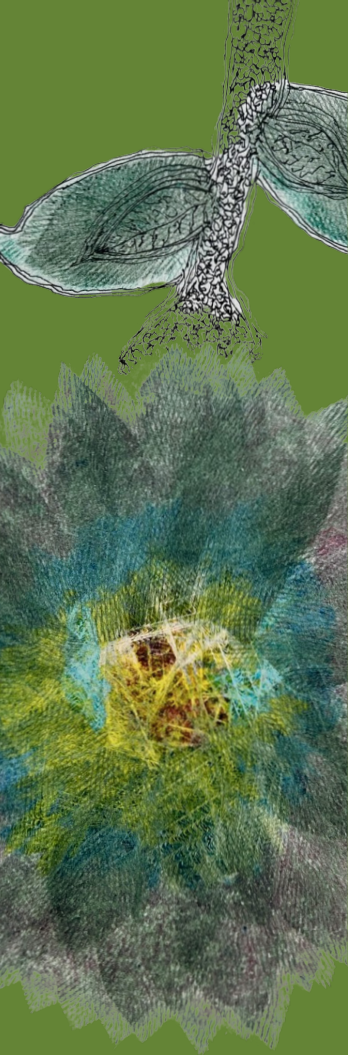
CARERI, Francesco. **Walkscapes: o Caminhar como Prática Estética**. São Paulo: Gustavo Gilli, SL., [2002] 2013.

EISNER, Elliot W. O Que Pode a Educação Aprender das Artes Sobre a Prática Da Educação?. **Currículo sem Fronteiras**, v.8, n.2, pp.5-17, Jul/Dez 2008. Disponível em <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/eisner.pdf>

EISNER, Elliot W. **The arts and the creation of mind**. New Haven, CT: Yale University Press, 2002.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1989.

SCHILLER, Friedrich. ([1795]1994). **Sobre a educação estética do ser humano numa série de cartas e outros textos**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, [1795]1994.



caminhar respirar dançar pertencer percorrer imaginar pulsar acender tocar repousar partilhar vibrar entrelaçar manusear olhar ampliar permanecer contemplar ressignificar sonhar dialogar estremecer tecer sustentar excitar regressar criar sentir fruir acompanhar colaborar derivar escutar encontrar conviver perceber mergulhar adentrar habitar partir acolher experimentar atravessar entrever cuidar coexistir	o território ou o mundo uma textura a paisagem um inventário o quintal ou a cidade o caderno ou a biblioteca o calor ou a frescura o ateliê, a escola ou a sala de aula uma leveza ou uma densidade um caminho ou uma travessia um arquivo uma folha, uma raiz ou uma semente uma pedra ou galhos e pedrinhas o vento ou os céus o fogo a luz ou a sombra a aspereza o fio o tecido o varal uma experiência uma presença, um vestígio ou um rastro uma imagem um desenho a suavidade a aldeia o peso a comunidade um documento uma flor uma abertura ou uma fronteira um jardim ou um bosque escolar um lugar ou um entre-lugar um território ou um pátio escolar uma periferia uma favela um laboratório um espaço público os muros da cidade a terra ou a água a chuva o pôr do sol o rio ou o mar o manguezal um tronco ou as árvores uma nuvem o barro a terra remexida o caminho das formigas um silêncio, um eco ou uma ressonância o coração a imaginação o horizonte um brilho ou uma penumbra uma poética	aproximar-se abrir-se entregar-se envolver-se deixar-se afetar deixar-se tocar sensibilizar-se emocionar-se surpreender-se admirar-se maravilhar-se enternecer-se ser arrebatado/a expandir-se deslocar-se perceber-se perguntar-se interpelar-se inquiatar-se narrar-se aprender-com fazer-com vitalizar-se animar-se alegrar-se esperançar-se (re)encantar-se
--	---	--